

Maria Divina Ferreira Lima

**PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS
DE ANÁLISE E
PRODUÇÃO DE
TEXTOS E
CONSCIÊNCIA
PRAGMÁTICA**

Um estudo de intervenção



PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ANÁLISE E PRODUÇÃO DE TEXTOS E CONSCIÊNCIA PRAGMÁTICA

Um estudo de intervenção





AVALIAÇÃO, PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram avaliados por pares e indicados para publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Maria Alice Benevides CRB-1/5889

E26 1 ed.	Práticas pedagógicas de análise e produção de textos e consciência pragmática: um estudo de intervenção [recurso eletrônico] / Maria Divina Ferreira Lima. – 1.ed. – Curitiba-PR, Editora Bagai, 2023. Recurso digital. Formato: e-book Acesso em www.editorabagai.com.br ISBN: 978-65-5368-189-7 1. Práticas pedagógicas. 2. Consciência Pragmática. 3. Produção de textos. I. Lima, Maria Divina Ferreira.
10-2023/20	CDD 370.7 CDU 37.01

Índice para catálogo sistemático:

1. Práticas pedagógicas: consciência pragmática 370.7

 <https://doi.org/10.37008/978-65-5368-189-7.07.02.23>

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização prévia da **Editora BAGAI** por qualquer processo, meio ou forma, especialmente por sistemas gráficos (impressão), fonográficos, microfilmicos, fotográficos, videográficos, reprográficos, entre outros. A violação dos direitos autorais é passível de punição como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal) com pena de multa e prisão, busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610 de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



contato@editorabagai.com.br

Maria Divina Ferreira Lima

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE
ANÁLISE E PRODUÇÃO DE TEXTOS E
CONSCIÊNCIA PRAGMÁTICA**

Um estudo de intervenção



1.^a Edição - *Copyright*© 2023 dos autores
Direitos de Edição Reservados à Editora Bagai.

O conteúdo de cada capítulo, as normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas da sua autora.

<i>Editor-Chefe</i>	Cleber Bianchessi
<i>Revisão</i>	A autora
<i>Diagramação</i>	Lucas Augusto Markovicz
<i>Capa</i>	Lucas Augusto Markovicz
<i>Conselho Editorial</i>	DDr. Adilson Tadeu Basquerote – UNIDAVI Dr. Anderson Luiz Tedesco – UNOCHAPECÓ Dra. Andréa Cristina Marques de Araújo - CESUPA Dra. Andréia de Bem Machado – UFSC Dra. Andressa Grazielle Brandt – IFC - UFSC Dr. Antonio Xavier Tomo - UPM - MOÇAMBIQUE Dra. Camila Cunico – UFPB Dr. Carlos Alberto Ferreira – PORTUGAL Dr. Carlos Luís Pereira – UFES Dr. Claudino Borges – UNIPIAGET – CABO VERDE Dr. Cledione Jacinto de Freitas – UFMS Dra. Clélia Peretti - PUCPR Dra. Daniela Mendes V da Silva – SEEDUCRJ Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL Dra. Denise Rocha – UFU Dra. Elnora Maria Gondim Machado Lima - UFPI Dra. Elisângela Rosemeri Martins – UESC Dr. Ernane Rosa Martins – IFG Dra. Flavia Gaze Bonfim – UFF Dr. Francisco Javier Cortazar Rodríguez - Universidad Guadalajara – MÉXICO Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes – UENP Dr. Hélder Rodrigues Maiunga - ISCED-HUILA - ANGOLA Dr. Helio Rosa Camilo – UFAC Dra. Helisamara Mota Guedes – UFVJM Dr. Humberto Costa – UFPR Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira – PUC-SP Dr. Jorge Carvalho Brandão – UFC Dr. Jorge Henrique Gualandi - IFES Dr. Juan Eligio López García – UCF-CUBA Dr. Juan Martín Ceballos Almeraya - CUIM-MÉXICO Dr. Juliano Milton Kruger - IFAM Dra. Karina de Araújo Dias – SME/PMF Dra. Larissa Warnavin – UNINTER Dr. Lucas Lenin Resende de Assis - UFPA Dr. Luciano Luz Gonzaga – SEEDUCRJ Dr. Luiz M B Rocha Menezes – IFTM Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra - UFPB Dr. Marciel Lohmann – UEL Dr. Márcio de Oliveira – UFAM Dr. Marcos A. da Silveira – UFPR Dra. María Caridad Bestard González - UCF-CUBA Dra. Maria Lucia Costa de Moura – UNIP Dra. Marta Alexandra Gonçalves Nogueira - IPLEIRIA - PORTUGAL Dra. Nadja Regina Sousa Magalhães – FOPPE-UFSC/UFPEl Dra. Patricia de Oliveira - IF BAIANO Dr. Porfirio Pinto – CIDH - PORTUGAL Dr. Rogério Makino – UNEMAT Dr. Reiner Hildebrandt-Stramann - Technische Universität Braunschweig - ALEMANHA Dr. Reginaldo Peixoto – UEMS Dr. Ricardo Cauica Ferreira - UNITEL - ANGOLA Dr. Ronaldo Ferreira Maganhotto – UNICENTRO Dra. Rozane Zaionz - SME/SEED Dra. Sueli da Silva Aquino - FIPAR Dr. Tiago Tendai Chingore - UNILICUNGO – MOÇAMBIQUE Dr. Thiago Perez Bernardes de Moraes – UNIANDRADE/UK-ARGENTINA Dr. Tomás Raúl Gómez Hernández – UCLV e CUM – CUBA Dra. Vanessa Freitag de Araújo - UEM Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT Dr. Yoissell López Bestard- SEDUCRS

UMA CULTURA QUE APRENDE A SER COM OS OUTROS

Queremos, no início deste texto, visitar o conhecido Relatório Delors (1996), elaborado para a UNESCO pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. No quarto capítulo da obra, são apresentados os quatro pilares da educação, a saber: *aprender a conhecer*, *aprender a fazer*, *aprender a viver juntos* e *aprender a ser*. No que a este último diz respeito, menciona o relatório:

Desde a sua primeira reunião, a Comissão reafirmou, energicamente, um princípio fundamental: a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa - espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autónomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida (DELORS, 1996, p. 99).

O texto supracitado evidencia o quanto é importante educar para o ser, para a educação integral, que convoque - como refere a Professora Maria Divina neste livro - a *inteligência* e a *dimensão prática* da vida. Contudo, o texto também nos incita a refletir no que se passa no mundo à nossa volta. Se o fizermos, possivelmente constataremos o “quanto não se educa”. Quem é, para as crianças e jovens, o rosto do outro? Será mais um? Por vezes parece que se esquecem que “o rosto se recusa à posse, aos meus poderes” (Levinas, 1988, p. 176). Há crianças que agem como verdadeiros tiranos, dando ordens e chantageando. Assiste-se a esta tirania diariamente, nas ruas, quando se escuta um filho a mandar na mãe ou no pai. Assiste-se a esta tirania quando

tratam com desdém o avô ou a avó. Assiste-se a esta tirania quando se desafia o professor. Querem ser o centro das atenções. Querem e gostam de mandar. Consideram-se únicos e especiais e, como tal, com autoridade e poder sobre os outros. Tal comportamento denominou-se por “síndrome do imperador” (URRA, 2016, p. 56).

Diz-nos Javier Urria (2016, p. 56) que “há crianças com menos de 7 anos que dão pontapés às mães e estas dizem ‘isso não se faz’ enquanto sorriem”, ou crianças que “atiram a comida que lhes prepararam para o chão e, posteriormente, compram-lhes um bolo”. Estes exemplos demonstram que é necessário educar, educar não somente para um saber científico, mas educar para ser pessoa, ser relação. Não se pretende apresentar aqui propostas mágicas, mas, abordar o tema é convidar à reflexão, é, no fundo, estabelecer a relação entre o *desenvolvimento cognitivo* e a *aquisição das habilidades* necessárias para a aprendizagem, tal como refere a autora deste livro.

Evidentemente que o caminho nunca se apresentará concluído. Isso seria mera utopia, uma vez que será sempre necessário elaborar e repensar, a toda a hora, e para cada contexto, novas metodologias educativas.

A nossa cultura tende a direcionar a educação para um emprego, pois, é isso que proporciona *segurança*. De facto, todas as sociedades têm-se pautado por este paradigma: preocupam-se primeiro com a carreira, o dinheiro, relegando a vida diária para segundo plano (Krishnamurti, 2019). Contudo, “mais do que preparar as crianças para uma dada sociedade, o problema será, então, fornecer-lhes constantemente forças e referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que as rodeia e comportar-se nele como atores responsáveis e justos” (Delors, 1996, p. 100). Sabemos que os estudantes são obrigados pelos pais, pela sociedade, a ordenar a sua vida em prol de uma carreira, visando, a maior parte das vezes, resultados materiais e estatuto. Ora, enquanto educadores, e em nome da *consciência prática* de que tanto se fala neste livro, sabemos bem que este caminho, por si só, não leva à felicidade, nem tão pouco à verdadeira realização pessoal.

Será que a única missão do professor é formatar estudantes para “superar” provas ou será preparar os estudantes para a vida? Que peso e medida se está a dar a cada uma das componentes, a científica e a humana? Há que repensar as prioridades, porque é sabido que a pressão nas escolas tende para a componente científica. E, neste aspecto, é necessário trabalhar em conjunto, sob pena de tudo continuar igual ou agravar-se. Assim, alunos, docentes, Encarregados de Educação e os órgãos de gestão devem trabalhar em conjunto na elaboração de Projetos Educativos que contemplem os quatro pilares da educação, de maneira a formar pessoas e não autómatos de exames.

No relatório “Aprender a Ser”, de 1972, elaborado para a UNESCO, sob a organização de Edgar Faure, pode ler-se que “numa época em que os *conhecimentos abstratos* se colocam num circuito contínuo de ação e retroação com a vida quotidiana, é necessário admitir que o tronco comum da escola primária e, se possível, do ciclo secundário deve combinar a teoria, a técnica e a prática, o trabalho intelectual e o trabalho manual; que a escola não esteja separada da vida; que a personalidade da criança não se divide entre dois universos impenetráveis entre si” (Faure, 1973, p. 36). Poder-se-á correr o risco de valorizar mais uma ou outra vertente, mas, seja qual for a decisão, a *organização do currículo* terá sempre impacto na formação dos alunos. Não estamos a defender que o currículo tem de ser, obrigatoriamente, igual para todos. Cada escola / agrupamento de escolas encontra-se sediado num respetivo contexto, o qual não pode ser negligenciado. Assim, importará sempre trabalhar com e na comunidade, envolvendo os diferentes agentes educativos. Vejamos um exemplo muito simples, mas talvez explícito: se determinada escola se situar num local em que existem diversos campos de golfe, talvez faça sentido que esta inclua na sua oferta educativa e respetivos currículos formação específica sobre manutenção de campos de golfe. Ele sucede com a restauração, a hotelaria, entre muitas outras áreas específicas. Todavia, parece-nos

que a dificuldade está em trabalhar, formar, valorizar para o ser pessoa, para o ser em relação, para ser feliz, para os valores e para a dignidade.

Educar para o *ser pessoa* é transversal a todas as disciplinas, a todos os docentes e a toda a atividade educativa e há processos lógicos que unem todas estas dimensões. Como refere a autora deste livro, “o processo de escolarização não se constitui na única experiência capaz de afetar o desenvolvimento do raciocínio”. O ser humano é um todo em caminho, disposto a acolher e a integrar e, como se refere neste livro, “a própria forma de apreender os estímulos é modificada pela história educacional dos indivíduos. Portanto, os estímulos perceptuais são influenciados por histórias educacionais diversas”. Faure (1973, p. 37) refere que o “aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e a viver com os outros e o aprender a ser constituem elementos que devem ser vistos nas suas diversas relações e implicações. Isto obriga a colocar a educação durante toda a vida no coração da sociedade - pela compreensão das múltiplas tensões que condicionam a evolução humana”.

Em jeito de conclusão, pode dizer-se, a partir deste livro da Professora Maria Divina Lima, que a educação ajuda a pensar, a dialogar, a formar juízos de valor e que todo este processo só funciona porque há uma *linguagem* a todos compreensível, que funciona como uma “gramática comum” que permite as “traduções” entre línguas diversas e a comparação dos diversos sistemas de valores.

Esta gramática comum é semelhante à “teoria” de Noam Chomsky que refere que o ser humano recorre a gramáticas diferentes segundo a sua cultura; em contrapartida, por debaixo das gramáticas superficiais há uma “gramática generativa” que permite, inclusive, a uma criança de três anos a aprendizagem de línguas diferentes e à passagem, instantânea, de uma para a outra. Por muito diferente que seja um chinês da minha cultura - diz Chomsky - é comum a ambos uma “gramática universal” (CHOMSKY, 1968).

Este livro deixa, assim, transcorrer com clareza que a *comunicação* e a *compreensão* reclamam, independentemente dos contextos, uma identidade radical de estruturas, ou seja, para haver *comunicação* é preciso o reconhecimento individual de determinados elementos que propiciem *lógicas de entendimento* e este processo acontece tanto mais, quanto for capaz de se abrir à aprendizagem.

Bibliografia

Chomsky, N. (1968). *Language and Mind*. New York: Harcourt Brace & World, Inc.

Delors, J. (1996). *Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: Edições Asa.

Faure, E. (1973). *Aprender a ser – La educación del futuro*. Madrid: Alianza/Unesco.

Krishnamurti, J. (2019). *Cartas às Escolas*. Lisboa: Edições 70.

Levinas, E. (1988). *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70.

Urra, J. (2016). *O pequeno ditador cresceu – Pais e filhos em conflito*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Eduardo Duque

Professor na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa e membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho.